

## TITÃ ADORMECIDO OU FRACASSADO? A REPRESENTAÇÃO DO SERTANEJO ATRAVÉS DO OLHAR MÉDICO E DA LITERATURA NO COMEÇO DOS ANOS 30 DO SÉCULO XX

SLEEPING OR FAILED TITAN? THE REPRESENTATION OF SERTANEJO THROUGH THE MEDICAL AND LITERARY GAZE IN THE EARLY 1930's

Luiz Henrique Chad Pellon<sup>1</sup>, Julieta Brites Figueiredo<sup>2</sup>, Ana Karine Martins

Garcia<sup>3</sup>, Rosilda das Dores Mateus Santos<sup>4</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende realizar uma análise histórica sobre a presença dos discursos eugenistas no Brasil, referentes ao sertanejo e ao Ceará, nos primeiros anos do século XX, a partir do olhar da ciência médica brasileira e da visão de literários que se utilizavam dessa teoria para construir suas narrativas e busca entender como esse discurso alcança os diversos campos de estudos no Brasil, sobretudo, as áreas médicas. Desse modo, foi decidido analisar as seguintes fontes: os boletins de eugenia de 1929 a 1931, uma vez que tinha a finalidade de promover o debate e a difusão dos ideais eugênicos nacionalmente, artigos publicados pela revista "Ceará Médico" (1930-1935) que eram divulgados, desde 1913, por uma associação médica do Ceará e a revista do Brasil (1918), para observar como as questões raciais presentes na época relacionavam ciência e medicina com as publicações dos escritos de Monteiro Lobato, Idelfonso Albano e Euclides da Cunha. O principal objetivo deste texto é apresentar uma problematização em torno de como os médicos cearenses construíram suas representações sobre a figura do "sertanejo" em suas publicações. Deve-se mencionar que este termo foi construído a partir de vários discursos, inclusive, eugenistas e raciais. E que tinha uma intencionalidade e uma pretensão ao determinar esses diversos sujeitos como um só e com a visão de que suas atitudes

---

<sup>1</sup> Enfermeiro, doutor em Ciências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, professor adjunto do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto-UNIRIO. Líder do Laboratório Científico de História da Enfermagem (LACENF) e membro do grupo de pesquisa Saberes de Enfermagem e Saúde Coletiva. E-mail: luiz.pellon@unirio.br - Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3346-9887>

<sup>2</sup> Possui graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) (1996), Especialização em Saúde da Mulher (UERJ) (2010), Especialização em Educação profissional na Área da Saúde (FIOCRUZ) (2003) e mestrado em Educação Profissional em Saúde pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV-FIOCRUZ) (2013). Doutora em Enfermagem e Biociências na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO) (2019). Participante do Diretório de Grupos de Pesquisa - CNPQ, denominado Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem (LACENF). E-mail: julietabritesfigueiredo@gmail.com - Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6105-1846>

<sup>3</sup> Pós-Doutorado em História realizado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (bolsa Capes/PNPD, 2014 a 2017). Graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (2004), Mestrado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (2006) e Doutorado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2011). E-mail: anakarine.mg@gmail.com - Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1178-597X>

<sup>4</sup> Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro- UNIRIO - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (2019). E-mail: rosildamateus@yahoo.com.br - Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3796-9144>

ocasionavam prejuízos, sobretudo aos desejos eugenistas de um Brasil moderno em meados dos anos 1930.

**Palavras-chave:** Eugenia. Sertanejo. Ceará.

**Abstract:** This article intends to perform a historical analysis of the presence of eugenic discourses in Brazil, referring to the countryside and Ceará, in the first years of the twentieth century, from the perspective of Brazilian medical science and the view of literary writers who used this theory to build their narratives and seek to understand how this discourse reaches the various fields of study in Brazil, especially the medical areas. Thus, it was decided to analyze the following sources: the eugenics bulletins from 1929 to 1931, since they were intended to promote the debate and dissemination of eugenics ideals nationally, articles published by the journal *Ceará Médico* (1930-1935) which were disclosed since 1913 by a medical association in Ceará and the journal *Brazil* (1918) to observe how the racial issues present at the time related science and medicine with the publications of Monteiro Lobato, Idelfonso Albano and Euclides da Cunha. The main objective of this text is to present a problematization around how physicians from Ceará constructed their representations about the figure of the "sertanejo" in their publications. It should be mentioned that this term was constructed from various discourses, including the eugenicists and racials. And that it had an intention and a pretension in determining these various backwoods subjects as one and with the view that their attitudes caused losses, especially for the eugenic desires of a modern Brazil in the mid-1930s.

**Keywords:** Eugenics. Sertanejo. Ceará.

## Introdução

O presente artigo apresenta recortes dos resultados da tese de doutorado intitulada: *As Representações Eugênicas da Assistência na Revista "Ceará Médico" (1930-1935) em diálogo com outros estudos sobre eugenia e saúde pública desenvolvidos no Laboratório de Abordagens Científicas na História da Enfermagem-LACENF-UNIRIO.*

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise histórica sobre a presença dos discursos eugenistas no Brasil, referentes ao sertanejo e ao Ceará e problematizar as diversas representações<sup>5</sup> sobre a figura do "sertanejo".

Em 1913 foi criado o Centro Médico Cearense (CMC), entidade associativa de médicos, farmacêuticos e cirurgiões dentistas, que publicou com regularidade um periódico científico denominado "Ceará Médico" e buscou construir, por meio das

---

<sup>5</sup> O conceito de representação é entendido na perspectiva de Roger Chartier e refere-se às materializações das operações mentais e intelectuais de determinados agentes/atores envolvidos no processo de produção do texto impresso e cujas ações são condicionadas pelas convenções, competências e protocolos de leitura de seus potenciais leitores. Segundo o historiador francês, muito embora as representações do mundo social "aspiem a uma universalidade de um diagnóstico fundado na razão", elas não são discursos neutros e são sempre determinadas pela impressão daqueles que as produzem, situando-se sempre num campo de competições (CHARTIER, 1990, p. 17).

publicações e dos encontros, a ideia de que os seus agremiados eram detentores do conhecimento necessário para a construção de uma sociedade fundada nos princípios vanguardistas da ciência moderna. O CMC e seu periódico “Ceará Médico” tiveram suas atividades interrompidas em 1919 e somente retornou suas publicações no ano de 1928, provavelmente, devido à parada das atividades do CMC e de questões financeiras (GARCIA, 2011, p. 109).

O CMC deu projeção, sobretudo, aos médicos agremiados no Estado do Ceará, conferindo-lhes autoridade intelectual e política, através do exercício da erudição e de sua atuação em prol dos interesses da classe (GADELHA, 2012). É importante mencionar que a profissionalização médica no Brasil estava em seu processo inicial e as ações realizadas por esta e outras associações contribuíram muito para a entrada destes profissionais nas áreas administrativas das cidades.

Nesta época, o debate médico científico revelava grande preocupação com a ordenação da moral pública, com o controle sobre os corpos, os impulsos afetivos e com o agenciamento de valores, considerados de alto padrão de civilização (SÁ, 2006). A maioria dos médicos filiados ao CMC na década de 1930 havia vivenciado a vida acadêmica nas instituições formadoras da região sudeste, frequentando, especialmente, as sessões científicas das Santas Casas de Misericórdia do Rio de Janeiro e de São Paulo.

No entanto, foi na Santa Casa do Rio de Janeiro que teve início definitivamente a transformação desses espaços institucionais em lugares de prática, ensino e pesquisa através da formação acadêmica de médicos que retornariam aos seus estados de origem. A instituição paulista, por sua vez, abrigou entre 1918 e 1919 a Sociedade Eugênica de São Paulo, que promovia lá reuniões regulares para debater temas como: alcoolismo, doenças venéreas, degeneração, fertilidade, natalidade e tuberculose, temas estes abordados sob o viés da purificação e eugenia<sup>6</sup> da nação brasileira (STEPAN, 2005).

---

<sup>2</sup> O termo Eugenia foi descrito pela primeira vez em 1883, pelo inglês Francis Galton, reunindo duas expressões gregas “eu-genia – bem-nascido”. Para tal, Galton utilizou-se dos estudos da teoria da seleção natural realizados por seu primo e reconhecido cientista Charles Darwin para desenvolver uma ciência

A eugenia foi saudada no país como uma nova ciência capaz de levar ao aprimoramento científico da raça humana. O médico Renato Ferraz Kehl<sup>7</sup> lembrava com recorrência os avanços alcançados pela ciência europeia e a necessidade do Brasil de se juntar ao mundo avançado no estudo da hereditariedade, da evolução, da influência do meio ambiente e dos costumes sobre a raça. Contudo, a Sociedade não sobreviveu à morte de Arnaldo de Carvalho<sup>8</sup> - um dos três vice-presidentes honorários - e à mudança de Kehl para o Rio de Janeiro, vindo a se extinguir ao fim de 1919.

Assim como no presente, era prática comum naquele período o intercâmbio de ideias entre as sociedades de cunho científico por meio de publicações impressas e de eventos, o que permitia a circulação de periódicos em diversos espaços do território nacional. Deste modo, a revista “Ceará Médico” não ficou fora desse movimento, tendo ela circulado em meados da década de 1930, entre outros lugares, nas cidades de Salvador, São Paulo, Santos, Rio de Janeiro e Buenos Aires (PELLON, 2013).

A passagem dos anos 1920 para os 1930 foi caracterizada no Brasil e em outras partes do mundo, pela ebulição da eugenia e pelo radicalismo de seus discursos, sobretudo, raciais. No Brasil, a ampliação destes debates entre intelectuais e cientistas resultou no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado em 1929 na cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal (SOUZA, 2008). Residindo já nesta cidade, Kehl manteve vivo o interesse pela eugenia e sua obstinação em angariar seguidores para a nova ciência através da distribuição de panfletos e livros e da promoção de debates sobre os temas caros a ela, os quais repercutiam nos principais jornais e nas revistas médicas, inclusive o Boletim de Eugenia que circulou no Brasil entre 1929 e 1933, sob a

---

sobre a “hereditariedade humana que pudesse, através de instrumentação matemática e biológica, identificar os melhores membros” (DEL CONT, 2008, p. 2).

<sup>7</sup> Renato Kehl (22/08/1889-14/08/1974). Nascido na cidade de Limeira, estado de São Paulo, onde passou grande parte da sua existência. Diplomou-se pela então Faculdade de Farmácia de São Paulo e, posteriormente, pela Faculdade de Medicina do Brasil, no Rio de Janeiro. Foi o principal nome na divulgação da Eugenia e ciências afins, no Brasil e o fundador do Boletim de Eugenia (RAMOS, 2019).

<sup>8</sup> Arnaldo Vieira de Carvalho (05/01/1867-05/06/1920). Nascido na cidade de Campinas, estado de São Paulo, diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1888. Foi diretor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, primeiro diretor e catedrático da Clínica Ginecológica da então Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, e hoje Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Participou dos quadros da Sociedade Eugênica de São Paulo, fundada em 1918 (<http://www.pesquisadores.museu.fm.usp.br>).

responsabilidade do Instituto Brasileiro de Eugenia (STEPAN, 2005; MAI e BOARINI, 2002).

As publicações da “Ceará Médico” nos anos 1930 mostravam que o debate eugênico impregnou também o meio médico e científico do Estado do Ceará. O corpo editorial do periódico cearense acompanhou de perto os debates sobre temas eugênicos havidos em outras partes do Brasil, deixando claro que as alusões às ideias de Renato Kehl figuravam como a medida de equilíbrio nas reflexões atinentes à influência da composição étnica e na situação sanitária e econômica do país.

Além da questão da Eugenia, a preocupação nuclear nos primeiros anos da Era Vargas com a higiene fez com que o governo central se apropriasse das experiências e atores do saneamento para impulsionar a reorganização administrativa dos serviços nas capitais, investindo na qualificação de pessoal para atuar na saúde pública, na distritalização dos territórios sanitários e na construção de centros de saúde (CAMPOS, 2007; FONSECA, 2007).

No entanto, nos anos que se seguiram à realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, notou-se, uma redução significativa no número de matérias publicadas sobre saúde pública na revista “Ceará Médico” e a valorização de textos relacionados à eugenia, desvinculados paulatinamente do discurso higiênico, que tanto marcou a escrita dos médicos que clinicaram nos postos do Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural durante a década de 1920.

O sertanejo ganhara contornos marcantes, especialmente por força das obras literárias de Euclides da Cunha<sup>9</sup> e Monteiro Lobato<sup>10</sup>. Contudo, foi através da imagem

---

<sup>9</sup> Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866-1909). Nascido em Cantagalo, RJ, em 1891 matricula-se na Escola Superior de Guerra. No ano seguinte é promovido a Primeiro Tenente e recebe o título de Bacharel em Matemática, Ciências Físicas e Naturais. Engenheiro militar, jornalista, ensaísta e historiador que escreveu, dentre outras obras literárias, o livro “Os Sertões”, uma das grandes obras da literatura brasileira (<https://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/biografia>).

<sup>10</sup> José Bento de Monteiro Lobato (1882-1948). Nascido em Taubaté, São Paulo, era romancista, contista e jornalista brasileiro. Transferiu-se para São Paulo, concluindo os preparatórios do Instituto Ciências e Letras. Matriculou-se em seguida na Faculdade de Direito local, onde se bacharelou. Exerceu o cargo de Promotor Público, na cidade de Areias. De volta à São Paulo, fundou a empresa Editora Monteiro Lobato & Cia que publicou inúmeras obras de sua autoria. Foi criador do personagem Jeca Tatu que simbolizou o arquétipo do caboclo rural, considerado como resultado da miscigenação racial ([www.ebiografia.com/monteiro\\_lobato/](http://www.ebiografia.com/monteiro_lobato/)).

caricata do Jeca Tatu, ligada à campanha movida pela Liga Pró Saneamento no final da década de 1910 sob a direção de Belisário Pena<sup>11</sup> e início da década de 1920, que ganhou repercussão nacional a figura do sertanejo, associada à difusão do ideal eugênico no meio médico-científico, criando-se um distanciamento entre as ações eugênicas e higiênicas no enfrentamento das moléstias de ordem física, estética e moral que impediam a realização do projeto de nação desejada, ou seja: livre dos tipos raciais indesejáveis (FIGUEIREDO, 2019).

Desta forma, se, por um lado, o sertanejo retratado por Euclides da Cunha (1984) era um ‘forte’, castigado pelas adversidades ambientais e pela ausência de assistência pública, por outro, era descrito por Monteiro Lobato (1959) como indolente, apático e indiferente, um produto da degeneração racial não condizente com o interesse geral e o progresso da nação. Estes dois modelos também contribuíram significativamente para o acirramento das questões raciais, uma vez que ambos colocavam “os sertanejos” como inferiores socialmente e biologicamente.

A oposição entre as distintas visões destes literários sobre os sertanejos pesou no debate científico da época e deslocou a discussão da literatura para o campo da saúde. Esta ampliação das áreas debatidas ocorreu de diferentes formas na construção e representatividade destes personagens polêmicos. Porém, não foi somente definida por uma condição inata para o adoecimento, conforme os eugenistas, mas, também, apresentou um potencial latente a ser despertado pelas ações públicas de saúde, tal como defendido pelos higienistas.

Diferenças à parte, o debate eugênico atravessou as duas primeiras décadas do século XX e despertou grande interesse no meio científico, especialmente, após o Congresso de 1929. A figura do homem rural era o personagem central desta discussão e no âmbito dele os médicos do CMC, por sua experiência clínica nos sertões,

---

<sup>11</sup> Belisário Augusto de Oliveira Penna (29/11/1868-4/11/1939). Nascido em Barbacena, Minas Gerais, matriculou-se, em 1886, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, concluindo o curso na Faculdade de Medicina da Bahia. Junto com o médico Arthur Neiva publicou o Relatório Neiva e Penna sobre a expedição realizada por ambos pelos sertões da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás em 1912. O relatório foi publicado em 1916 e inspirou a criação da Liga Pró Saneamento e o Serviço de Profilaxia Rural, em 1918, subordinado à Inspetoria de Serviços de Profilaxia. Este serviço foi um marco na oferta de serviços de saúde pública no Brasil e teve a sua ampliação a partir da cooperação com os estados, após a Reforma Chagas em 1921 (SANTOS, 2018).

apresentavam-se como os principais porta-vozes de uma realidade que os médicos do sul não conheciam.

Nos escritos dos associados do CMC e demais redatores da revista “Ceará Médico” estavam sempre presentes os temas ligados às áreas da literatura e da ciência. No entanto, deve-se mencionar que nem sempre, na base destas publicações, os temas estavam relacionados aos postulados eugênicos e que houve entre os membros do CMC defensores de diferentes teorias como foi o caso da microbiologia e parasitologia (LOWY, 2006).

A eugenia apareceu pela primeira vez nos estatutos da revista “Ceará Médico”, em 28 de outubro de 1932, como uma medida do CMC para adoção de seus ideais. A eugenia se expandiu por diferentes áreas do conhecimento científico e delineava-se a necessidade de congregar os principais estudos e temas afeitos a essa nova ciência. O debate sobre o sertanejo ganha espaço na “Ceará Médico” a partir da publicação do médico Samuel Uchôa<sup>12</sup> sobre trabalho apresentado no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia e é seguido de publicações voltadas à análise das causas da fadiga crônica que foi atribuída ao sertanejo pelo discurso científico da época. A partir de 1932, a revista concede espaço cada vez maior a publicações concernentes às medidas eugênicas de controle do povoamento por indesejáveis, como o aborto e a esterilização compulsórios, o exame pré-nupcial e o controle imigratório, em detrimento do debate específico sobre o sertanejo, que permaneceu somente nas entrelinhas das publicações.

Percebe-se, então, como o sertanejo foi representado nas publicações da revista “Ceará Médico” no período subsequente ao Primeiro Congresso de Eugenia.

---

<sup>12</sup> Samuel Felipe de Souza Uchôa (1843-1952). Médico sanitário, membro dos Serviços Estaduais de Saúde do Ceará em 1920, subordinado à Diretoria de Saúde Pública. Samuel Felipe Domingues Uchôa, formou-se inicialmente no curso de humanidades e posteriormente em medicina (1905). Fez parte, em 1904, da reforma de Oswaldo Cruz, como auxiliar acadêmico da campanha de febre amarela. Foi nomeado chefe dos Serviços de Profilaxia Rural do Ceará em 1929 se tornando chefe desses mesmos serviços em nível nacional no início do Governo Vargas (1930). De largo tirocínio nos serviços de saúde pública, atuou como médico da comissão de Limites do Brasil no Alto Juruá (1907), integrou a missão médica enviada à França na Primeira Guerra Mundial e chegou a ser nomeado como Diretor da Rockefeller nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo (PELLON, 2013).

**Jeca Tatu ou Mané Chique-Chique : a imagem do Sertanejo na revista “Ceará Médico”**

Imbuídos da ideia de civilizar e fazer progredir o país, os intelectuais brasileiros do início do século XX absorveram as teorias raciais que preconizavam a existência de povos superiores e inferiores. Dada a característica miscigenada de grande parcela da população brasileira, “o mestiço foi estigmatizado como sub-raça, passando em muitos discursos a ser sinônimo de atraso” (FREITAS, 2015, p. 2).

Dono de uma fazenda no interior de São Paulo, Monteiro Lobato escreveu em 1914 a um amigo queixando-se dos caboclos que lá trabalhavam e afirmou que só falavam de caboclo de forma romantizada os escritores da cidade que nunca tinham ido ao campo. Este “romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira”, escreve (LOBATO, 1955, pp. 362-365). Ancorado nessa convicção, publica em 1918 uma coletânea de contos denominada Urupês, onde imputa o atraso da agricultura brasileira ao caboclo, elementos de descendência indígena que, segundo o autor, formavam um povo ignorante, indolente e incapaz de evolução. O personagem que Lobato denominou Jeca Tatu tornou-se uma das mais famosas representações gráficas do início do século XX, sendo endossado em palestras, artigos e discursos de intelectuais por todo o Brasil (FIGUEIREDO, 2019).

Contudo, essa imagem da inferioridade do povo sertanejo desagradou alguns estudiosos, especialmente os cearenses. O político Idelfonso Albano, um dos principais representantes do estado do Ceará no Congresso, afirmava que era a seca a maior barreira ao progresso do país e não o povo sertanejo, pois este era dotado de força, coragem e honestidade. Contrapondo-se a Lobato, Albano publicou em 1919 a obra Jeca Tatu e Mané Chique Chique, e defendeu a ideia de que o sertão e o sertanejo cearense em nada se pareciam com a descrição de caboclo apresentada por Monteiro Lobato, pois o “Mané Chique Chique é justamente o exemplo de homem que não se curva diante das dificuldades e que não cede às pressões de brasileiros com a mente estreita” (FREITAS, 2015, p. 10).

Idelfonso Albano encontrou adeptos a seu pensamento, principalmente após a publicação do relato de viagem de Belizário Penna pelo interior do país em que

mostrava que o sertão havia sido abandonado pelo poder público à própria sorte. Para Penna, “sem saúde física, intelectual e moral, nenhum povo poderá nivelar-se com os que caminham na vanguarda da civilização” (PENNA, 1923, p. 14).

Mais tarde, o regime do presidente Getúlio Vargas buscou fortalecer uma consciência homogênea de nacionalidade. Este fato fez o governo investir na redução de medidas de incentivo à migração europeia, tão em alta durante as duas primeiras décadas do século XX, cedendo lugar a uma ideologia que via no sertanejo um potencial de alavancar o progresso por meio das frentes de trabalho e modernização.

Retratado como um forte, depauperado pelas condições climatológicas e pelo abandono dos poderes públicos, o sertanejo foi favorecido pela expansão “rumo ao Norte” de serviços e recursos já abundantes na região sul e sudeste. A ampliação do aparato institucional burocrático do Estado Varguista, especialmente no campo sanitário, contrastava com a estagnação imposta à ciência regional pelo baixo coeficiente de investimentos tecnológicos e institucionais, herança indelével do federalismo oligárquico (PELLON, 2013).

Diante da necessidade de se alinhar com a vanguarda científica de sua época, sem perder de vista, no entanto, a demarcação de um posicionamento próprio sobre o tema, a revista “Ceará Médico” absorveu as distinções eugênicas veiculadas pelo Boletim de Eugenia, mas procurou resgatar a identidade do sertanejo como elemento necessário ao progresso econômico e social da nação, desde que se fosse lançado um olhar político e assistencial às suas necessidades <sup>13</sup>.

Em edição de outubro de 1930 do Boletim, a eugenia é descrita como negativa quando há a orientação de medidas voltadas à “segregação dos criminosos em colônias de correção e Esterilização dos elementos raciaes inferiores (não compulsória)”. A eugenia positiva, por sua vez, é descrita como a possibilidade da melhoria racial através de um tripé: a “colonização com caracter selectivo”, que trata da prevenção do despovoamento dos campos e organização da agricultura, tornando a vida rural

---

<sup>13</sup> Em outubro de 1930, o Boletim de Eugenia veicula uma distinção sobre as formas de eugenia (eugenia negativa, eugenia positiva e eugenia profilática), adotada em países como Suécia e Noruega e retratada como grande sucesso no estudo de Dr John A. Mjoen (1930), presidente do Vinderen Niologiske Laboratorium de Oslo (BOLETIM DA EUGENIA, n. 22, out. 1930).

independente dos centros urbanos; a “protecção à maternidade e outras medidas positivas”, que propõe o controle da biologia humana nas escolas e universidades, a reforma da educação “masculinizadora das mulheres” e “tornar as jovens aptas para a função maternal”; e as “Clearing- House”<sup>14</sup>, que consistiam em espaços direcionados para a concentração e difusão dos conhecimentos a respeito da alimentação, saúde e movimento da população, que deveria comportar um “Centro cultural da Sciencia Eugénica, nacional e internacional com uma comissão de consultas para resolver as questões concernentes aos problemas da população”, (MJOEN, 1930, p. 4).

Além destes, o artigo ainda propõe uma terceira forma denominada “eugénia prophylactica da raça”, descrita como eugénia preventiva de protecção ao pré-natal, que utilizaria como métodos: o combate aos venenos raciais (sífilis e álcool); o impedimento à “disseminação das doenças nacionaes e raciais”; a aplicação de exame pré-nupcial, visando o impedimento dos cruzamentos com raças “inferiores ou distantes”; o registro biológico de toda a população nacional – “com anotação de dados sobre as qualidades optimas transmissiveis por herança”, com posterior publicação dos dados periodicamente como “attestado do mérito e nobreza no “Livro de Identidade” e por fim; realização do controle biológico da “immigração e espatriamento” (MJOEN, 1930, p. 4).

Ao término da apresentação do texto de Mjoen, o redator tece breve comentário sobre a importância da dedicação dos homens de Estado do Brasil em colocar essas atividades em prática no país com a fundação do Instituto Brasileiro de Eugénia, a fim de delinear um plano equivalente ao da Noruega.

O CMC foi representado no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugénia pelo médico e sanitarista Samuel Uchôa. Uchôa proferiu duas conferências que foram publicadas em seis páginas cada na revista “Ceará Medico”, nas edições de junho e de outubro de 1930. Vinculando fortemente a eugénia à política de saneamento, o médico cearense deixava evidente seu alinhamento à vertente socioantropológica de Roquette

---

<sup>14</sup> *Clearing-house* - Departamento de informações. Termo cunhado em Oslo (Noruega) para o Departamento responsável pela concentração e difusão dos conhecimentos relacionados à alimentação, à saúde e a movimentação da população (BOLETIM DE EUGENIA, n. 22, 1930).

Pinto<sup>15</sup> de fortes contornos positivos e sua crítica à eugenia negativa defendida por Renato Kehl, conforme veiculada no seu livro *Lições de Eugenia* lançado no Congresso de 1929.

Dr. Uchôa vinculou os problemas sanitários do sertanejo à sua origem física, biológica, social e econômica, e ressaltou que nada se podia esperar de um povo decaído, alcoolizado e sífilítico sob a tutela dos fortes, para o desenvolvimento social e econômico da nação. Referiu-se ao Brasil como um país de cultura popular subdesenvolvida, de diminuto coeficiente, sem vigilante espírito de defesa e sem consciência sanitária. Considerou que deveria ser de responsabilidade das elites a criação de cursos práticos de pedagogia, de higiene e de propaganda sanitária. Advertiu que a finalidade e o destino da civilidade do país, era uma raça forte, temperada e consciente de seu valor. Tratou do povoamento da Amazônia, especialmente por cearenses, ressaltando o potencial humano do nordeste como um “reservatório de energias humanas”, de onde “espraia-se a onda invasora e contínua desses conquistadores, obscuros e anônimos pioneiros, que tangidos por um inflexível determinismo histórico, cream ali um novo cenário ao desenvolvimento e destino da nacionalidade” (UCHÔA, 1930, pp. 7-8).

Os trabalhos dos associados do CMC mostraram que as publicações que relacionavam a eugenia ao saneamento partiam dos médicos sanitaristas que também atuavam, desde a década de 1920, nos Serviços de Saneamento e Profilaxia Rural. As bases teóricas destes mesclavam-se, por vezes, com elementos da eugenia negativa defendida por Kehl e os contornos românticos das representações positivas do sertanejo que os aproximavam, principalmente, dos textos literários de Euclides da Cunha, uma vez que era recorrentemente citada a sua afirmação de que os sertanejos eram “acima de tudo um forte”.

Deste modo, pensar as construções das imagens e representações sobre estes sujeitos somente é possível através do diálogo com diferentes campos de estudo. É

---

<sup>15</sup> Roquete Pinto: Edgar Roquette-Pinto (1884-1954). Foi um médico legista, professor, escritor, antropólogo, etnólogo, ensaísta brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras e é considerado o pai da radiodifusão no Brasil (<http://www.fm94.rj.gov.br>).

importante mencionar que o uso da interdisciplinaridade é uma questão posta por diferentes grupos de intelectuais, sobretudo, aqueles que compuseram a base da *Escola dos Annales*<sup>16</sup> em 1929.

### **O Sertanejo e a fadiga : entre o político e o biológico**

Destaca-se que somente na segunda fase do Centro Médico Cearense foi observado com mais visibilidade a defesa da eugenia pelos seus associados (GARCIA, 2011). E a partir do ano de 1931, as publicações de “Ceará Médico” sobre eugenia foram definitivamente deslocadas da esfera ideológica do saneamento, tornando-se mais incisivas no que tange às representações de caráter biologista sobre os problemas do sertanejo, suas características morfofuncionais e sobre as principais medidas profiláticas de controle das “taras” degeneradoras da raça.

Na edição de fevereiro de 1931 foram publicadas três matérias sobre o sertanejo. Cabe ressaltar a força da representação eugênica nessa edição que projetou o “Ceará Médico” às páginas da Tribuna Médica<sup>17</sup> do mês de junho do mesmo ano. Em “Ensaio sobre a fadiga”, publicado na primeira página, o médico Octavio Lobo<sup>18</sup> defendia a hipótese de que a fadiga do sertanejo se articulava à avitaminose A e C e a uma hipertrofia da suprarrenal causadas pela exposição por longos anos à má nutrição, à fome e à seca. Segundo o médico:

Dessa penúria, somada há séculos, na repetição periódica das mesmas catástrofes, emanam um complexo de factores, que disgenizam a raça. A fome

---

<sup>16</sup> Foi um movimento historiográfico francês do começo do século XX e que se constituiu em torno do periódico acadêmico *Annales d'histoire économique et sociale*, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, propunha-se que os estudos sobre História fossem além da visão positivista e a crônica de acontecimentos, substituindo o tempo breve da história dos acontecimentos pelos processos de longa duração, com a finalidade de tornar inteligíveis a civilização e as mentalidades (BURKE, 1992).

<sup>17</sup> Na *Esculapeanas*, de julho de 1931, Virgílio de Aguiar reclama da postura adotada pelo editorial do periódico *A Tribuna Médica* publicado no Rio de Janeiro, que reproduziu em sua edição do número de junho do mesmo ano, três longos trabalhos do “Ceará Médico” sem dar os créditos devidos à autoria (PELLON, 2013).

<sup>18</sup> João Octávio Lobo nasceu em Santa Quitéria (CE) em 4.11.1893. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. De volta a seu estado, tornou-se catedrático de psicopatologia e de medicina legal na Faculdade de Direito do Ceará. Ocupou diversos cargos públicos, entre os quais o de diretor da Saúde Pública. Foi membro do Colégio Americano de Médicos do Tórax, do Centro Médico Cearense e da Academia Cearense de Letras (<http://www.fgv.br>).

e os jejuns prolongados, de população em massa, ecôam através de geração, na morfogenia mal-acabada dos tipos (LOBO, 1931, pp. 1-2).

Nesta mesma edição de 1931, Aderbal de Paula Sales<sup>19</sup> publicou “O sertanejo e a fadiga” revelando, também, uma afinidade com a corrente socioantropológica da eugenia, como Samuel Uchoa, de quem foi colega no Serviço de Saneamento e Profilaxia Rural. Sales refutou a tendência interpretativa das doenças da glândula suprarrenal como causadora da fadiga do sertanejo e apontou que a tristeza que lhe acometia tratava-se mais de uma questão étnica do que patológica, pois sua filosofia que o ligava à terra era a da renuncia, porque não via recompensa em seu esforço quando buscava comercializar seu produto (SALES, 1931).

Entre os autores da “Ceará Médico”, merece destaque Virgílio de Aguiar<sup>20</sup>, que possuía uma seção própria de publicação regular em todos os volumes, a Esculapeanas. Um dos mais aguerridos defensores da eugenia no CMC, Virgílio de Aguiar associou seu nome à defesa da classe médica cearense e nacional ao argumentar que o médico foi um profissional importante no desempenho das diferentes frentes de ordenamento da vida em sociedade, fazendo questão de ressaltar a sua responsabilidade na construção de uma identidade nacional por meio de medidas eugênicas.

Na edição referente ao mês de abril de 1931, Aguiar abordou o tema da fadiga do sertanejo, ensejando seu posicionamento contrário à posição apresentada por Octávio Lobo sobre a sua origem glandular na suprarrenal. Escreveu que conhecia bem o Jeca Tatu do sul de São Paulo e Minas e outros personagens como o “Mané Chique

---

<sup>19</sup>Aderbal de Paula Sales (1903-1986). Cearense nascido na cidade de Uburetama, se graduou pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1927. Foi médico do Departamento de Saúde Pública, do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos e do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes e da Assistência Municipal de Fortaleza. Na carreira pública, foi deputado estadual, secretário de Educação e Saúde do estado do Ceará e de Saúde e Assistência do município de Fortaleza. Exerceu o magistério como professor de Ciências Físicas e Naturais do Liceu do Ceará e foi catedrático de História Natural da Escola Normal. Foi presidente do Centro Médico Cearense entre 1946 e 1947. Foi prosador, poeta, conferencista e autor de grande número de trabalhos científicos publicados em revistas. Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 15 de agosto de 1974 (<http://www.academiacearensedeletas.org.br/membro.php?mem=51>).

<sup>20</sup>Virgílio José de Aguiar. Formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1907. Após a formatura, fixou-se no Ceará, onde foi ajudante da inspetoria de higiene e foi um dos fundadores do Centro Médico Cearense (CMC), além de ter sido redator-gerente do periódico “O Norte Médico” ([www.portal.ceara.pro.br](http://www.portal.ceara.pro.br)).

Chique” do Ceará e do Acre, ambos que considerava serem possuidores da mesma fibra. Da mesma maneira, referiu conhecer também o sertanejo estudado, como ninguém melhor o fez por Euclides da Cunha, ao recobrar que “o sertanejo é antes de tudo um forte”. Por fim, voltou-se ao autor inglês Christopher Holdenby quando este abordou algo semelhante sobre a morosidade do homem rural de seu país. Concluiu escrevendo que a pseudo fadiga do sertanejo “...é apanágio d’elle por mera e fatal influência mesológica, sociológica, sem morbidez, nem lesão orgânica [...]” (AGUIAR, 1931, p. 9).

Na edição de janeiro de 1932, o médico Jurandir Picanço<sup>21</sup>, em seu artigo denominado “O Homem Brasileiro”, teceu ampla explanação sobre a formação racial brasileira a partir da qualidade inerente às suas três raças formadoras. Abordou sobre o personagem Jeca Tatú que este diz estar doente de uma doença curável e evitável e não racial. Tratou das potencialidades do sertanejo para enfrentar a fome e a miséria e, por fim, afirmou que essas suas conclusões foram realizadas após dois anos de exercício clínico no interior do Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte (PICANÇO, 1932).

É possível notar que, no período que sucedeu o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia prevaleceu o anseio da classe médica cearense de firmar uma identidade de enunciação local sobre as questões afeitas à saúde do sertanejo, diante da extensão do tema aos principais meios científicos do sul do país. Por um lado, houve defesas sobre a inexistência de traços hereditários da fadiga do sertanejo, afirmando-o, sobretudo, como sendo um traço forte à espera de intervenções no meio que pudessem libertá-lo da condição de indesejável para alavancar o repovoamento e a economia do país. Por outro lado, viam-se comprometidos com as irradiações científicas que enunciavam o sertanejo como portador inato das moléstias que atravancavam o desenvolvimento social e econômico da nação.

### **Reflexão: autoria e representações médicas sobre o sertanejo**

---

<sup>21</sup> Jurandir Morães Picanço (1902-1977). Nasceu em Belém, filho do seringalista Miguel de Aguiar Picanço e Gertrudes Marães Picanço. Foi ainda criança para o Ceará, realizando os primeiros estudos em Messejana e os preparatórios no Liceu do Ceará. No Rio de Janeiro, formou-se em Medicina (1927). Professor da Escola de Enfermagem São Vicente de Paula Orador do Centro Médico Cearense e Presidente do I Congresso Médico Cearense. Oficial da Ordem do Mérito (<http://portal.ceara.pro.br/>).

A representação compreendida como uma imagem presente em um objeto ausente, uma vez que a primeira vale pela segunda, permite caracterizar o conhecimento do signo enquanto distante da coisa significada exigindo, portanto, o reconhecimento da existência de convenções partilhadas socialmente a regularem esta relação - do signo com a coisa significada - colocando, assim, os termos de uma questão histórica fundamental: a da variabilidade e da pluralidade das compreensões (ou incompreensões) das representações do mundo social e natural propostas pelas imagens e textos (CHARTIER, 1990).

Neste sentido, o conjunto de elementos que compõem a materialidade dos impressos deve ser, para efeito da Nova História Cultural, analisado na perspectiva da identificação das estratégias mobilizadas pelo seu corpo autoral (do escritor, do editor, do tipógrafo, entre outros) para exercer um controle sobre a leitura de mundo de seus leitores; as hierarquias, distinções e ritos da vida cotidiana. Exige pensar, portanto, todo o conjunto de intenções projetadas na materialidade do produto impresso, no caso o periódico, não como resultados de operações intelectuais ingênuas que desconheciam as possibilidades infinitas de formas de apropriação, mas como resultado de práticas que procuraram circunscrever sua relação com modalidades de leitura aceitáveis para a consolidação dos interesses sociais do seu grupo autoral. Desta forma, tipo de letra, número de parágrafos, espaçamento entre linhas, inserção de imagens acompanhando o texto, tamanho da página e demais elementos que compõem este produto são analisados como signos que são dados a ler e interpretados a partir do seu endereçamento a um público com competência específica para construir uma visão de mundo a partir da sua apropriação deste material pela leitura (CHARTIER, 2003).

Nas revistas “Ceará Médico”, publicadas a partir dos anos 1930, notou-se, através dos artigos pesquisados, que houve certa distinção de hierarquia quanto a atuação dos médicos associados e dos não associados no CMC no que diz respeito às ações na saúde pública em Fortaleza. Percebeu-se o predomínio da ideia de que os médicos associados tinham mais legitimidade e respaldo para regular o equilíbrio sobre as definições teóricas e práticas do que era considerado ordem x desordem nas questões da saúde e das doenças da vida social cidadina. Esta diferenciação produziu

uma delimitação de espaços hierárquicos e de embates no campo médico do Estado do Ceará através de determinadas estratégias de dominação simbólica no “processo civilizador” da saúde.

Para Chartier (2001), o conceito primordial que reside na abordagem sobre o processo civilizador trata-se daquele que denomina como Figuration, ou seja, uma compreensão da formação social cujas dimensões podem ser muito variáveis, em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por relações específicas de interdependências recíprocas que limitam o que lhes é possível decidir ou fazer. Nesta direção, é possível se compreender a revista “Ceará Médico” como um símbolo de distinção no campo da enunciação científica sobre as questões sócio sanitárias do estado.

O Médico Virgílio de Aguiar, em uma publicação realizada em 1935 na “Ceará Médico”, fez uma retrospectiva de uma antiga preocupação da classe médica cearense na construção de um periódico fiel representante das ideias vanguardistas de sua época. Para tal, seu formato deveria embutir os signos necessários para enunciação das questões de saúde e doença nos moldes exigidos pelo periodismo científico, em contraposição aos demais tipos de produções gráficas informativas e de divulgação, tais como jornais, boletins e outros, como é possível observar no excerto a seguir:

O Norte Médico veio à luz em 15 de abril de 1913, com o tamanho provinciano ou petulante de 32 ½ centímetros por 23 ½, e o volume magríssimo de 12 páginas, inclusive capas e anúncios. Era de cabedal modesto - capa do mesmo papel branco que o do corpo - e de feitio singular tamanho avultado e corpo leve, quase um jornal, pouco de Revista. [...] Foi publicado por último número do Norte Médico, do tamanho primitivo, o de 31 de Maio de 1914. Aí se interrompeu a publicação do Norte Médico, voltando a aparecer em setembro de 1915, de melhor tamanho e melhor feitio [...] (AGUIAR, 1935, pp. 8-9).

Nesse mesmo texto, Virgílio de Aguiar afirmou que a associação surgiu como um desdobramento do pensamento embrionário voltado à criação de uma sociedade mutualista de seguros de vida, a ser denominada de “Associação Médica e Farmacêutica” em 1909. Contudo, a ideia do mutualismo não encontrou respaldo suficiente para consolidar-se diante da proposta de um de seus membros de que a sociedade deveria “ter um fim antes científico” que unisse os profissionais da saúde cearenses em torno do objetivo de defender os interesses de seus associados e dar

visibilidade, dentro e fora do Ceará, aos seus trabalhos por meio de publicação periódica (AGUIAR, 1935, p. 9).

Os médicos associados ao Centro Médico Cearense escreveram nessa revista, no entanto, seus nomes somente eram reconhecidos como autoridade neste periódico científico quando chancelados pela associação que os representavam diante dos poderes que regulamentavam e ajuizavam a prática de construção do saber médico. Desta forma, a comunicação científica mostrou-se como uma contribuição ao equilíbrio das tensões geradas nas redes de dependência recíprocas em que, segundo Chartier (1990), a ação individual depende de toda uma série de outras, e assim forma uma rede de interdependência distribuída em de antagonismos, que são a condição possível de sua reprodução.

Assim, analisar as publicações, as atividades e teorias defendidas pelos membros do CMC, sobretudo, os médicos, permite aos pesquisadores notar a projeção deste grupo num determinado local de destaque entre seus pares e perceber como estes representantes dos interesses da classe médica cearense configuram um campo científico que se encontra em constante luta e que, segundo Bourdieu (2003, p. 112):

(...) são os monopólios da *autoridade científica* (capacidade técnica e poder social) e da *competência científica* (capacidade de falar e agir legitimamente, isto é, de maneira autorizada e com autoridade) que são socialmente outorgadas a um agente determinado (...).

O convívio acirrado entre as diferentes linguagens de mundo que buscavam galgar espaços na nova configuração social cearense e a representação científica dirigida aos pares não escapou ao esforço de uma classe médica emergente na tentativa de manter uma identificação com a vanguarda dos padrões socioculturais e científicos de sua época. Tal investimento demonstrou uma preocupação do corpo autoral em dimensionar as representações do “Ceará Médico” em seu duplo sentido, conforme salienta Chartier (1990): “como incorporação social e como matrizes que constituem o próprio mundo social, na medida em que comandam atos e definem identidades”. Portanto, é exatamente nesse ponto que a revista “Ceará Médico” parece ter adquirido um sentido de efeito de designar um destaque ao conhecimento científico

pelo “peso simbólico” de sua importância como ordenador de uma realidade social fundada nos princípios morais da civilidade moderna ocidental (PELLON, 2013).

Nessa perspectiva, as representações sobre o sertanejo, contidas na revista “Ceará Médico”, colocam-se como parte do complexo mundo das concorrências entre as representações sanitárias da época, que situavam este personagem no centro do debate eugênico: ora como representante de uma raça capaz de resistir ao ambiente hostil dos sertões e ao clima fatigante; ora como um degenerado, portador de uma indolência inata, proveniente da mestiçagem racial da qual era fruto.

Ademais, a antítese entre degenerado e abandonado pelo poder público encontrava na escrita dos médicos cearenses o diferencial da autoridade de enunciar sobre os sertões e sua população, tal como ressalta o médico Jurandir Picanço no texto denominado “Dinamismo Médico”, publicado em março de 1932. Nele, o médico cearense inicia utilizando um signo de diferenciação de sua escrita das demais sobre o mesmo tema, ao ampará-la na sua experiência profissional de trabalho nos sertões.

Depois de um período relativamente longo de clínica, em várias localidades do Ceará, R.G. do Norte e Piauí, mais convencido fiquei de que clinicar no sertão é um dever patrioticamente brasileiro dos médicos nacionais. [...] O sertanejo é, por índole, desconfiado e inclinado espontaneamente a descrever de tudo que não esteja adstrito aos limitados horizontes de sua vida simples. Ademais, na rudeza de seu labor e na rotina de sua criação, é fatalista. Símbolo de resistência, de energia e trabalho acredita que sua existência é uma dentro de condições inamovíveis. Compreender-lhe a mentalidade, estudar-lhe a psicologia e capacitar-se de suas tendências, é o primeiro cuidado do médico. [...] O médico do sertão encontra, quase sempre, uma construção a realizar [...] O progresso do litoral mostra a capacidade da raça. Mas os erros político-administrativos divorciaram o litoral do sertão e, esse, hipertrofia em detrimento daquele. A zona rural brasileira que se inicia onde termina a última das capitais ou cidades importantes, estende-se desmedidamente com as proporções do “vasto hospital” de Miguel Pereira [...] Nem raça é doente e nem o clima, tantas vezes malsinado, é responsável pela morbidez ambiente [...] Dentro do determinismo biológico, porém, não haverá saúde onde há condições de doença [...]. (PICANÇO, 1932, pp. 1-5).

A escrita de Jurandir Picanço sintetizou o sentimento manifesto em grande parte dos textos de autores da revista “Ceará Médico” quando trataram sobre os problemas do sertanejo. Um diferencial da função autor de médicos do CMC, num contexto científico povoado por diferentes vozes e matizes de conhecimento.

### Considerações finais

A escrita deste artigo permitiu refletir sobre algumas questões que tratam sobre a presença da teoria eugenista no Brasil, na primeira metade do século XX. No entanto, buscou-se como problemática central, o entendimento sobre os discursos eugênicos que moldaram e colaboraram para a definição de uma identidade e representação sobre o “sertanejo”.

O discurso médico, através das publicações nas revistas médicas científicas, sobretudo, a “Ceará Médico”, foi um dos grandes colaboradores para legitimação da ideia do sertanejo como representante de uma “raça inferior” e “fraca” à espera de intervenções no campo da saúde. Evidentemente, que essa visão se associava e era explicada por meio de diferentes perspectivas, tais como: a miscigenação, a fome, a falta de higiene e muitas outras que serviram de justificativas para as ações sanitárias e de controle social que foram levadas à cabo em várias regiões do país.

A escrita literária e de vários outros intelectuais também foi outro forte meio de defesa das ideias eugenistas e teve nos textos, sobretudo, de Monteiro Lobato, Idelfonso Albano e Euclides da Cunha narrativas e visões diferenciadas sobre o sertanejo. Em Lobato, esses sujeitos eram indolentes e fracos, devido a sua justificção pelas teorias raciais e pela problemáticas das endemias. Para Albano e Cunha, o sertanejo era vítima das secas e de suas consequências, referido como um povo forte, corajoso e de boa índole.

Os estudos no campo da história cultural têm permitido uma percepção maior deste conjunto de representações que se formaram a partir das várias fontes analisadas nesta pesquisa, e traz a possibilidade de observar melhor como essas teorias contribuíram para construção de identidades e imagens de uma população que, em dado momento, se tornou objeto de questionamentos médico-científicos a respeito do seu lugar no projeto social de nação. Muito ainda precisa ser estudado e pesquisado para que se ampliem a ideia de que o “sertanejo” é uma construção histórica e que sua trajetória, enquanto sujeito, precisa ser mais bem compreendida e desta forma, desconstruir a imagem predominante de que este é um ser fraco, preguiçoso, apático e

causador das principais moléstias de saúde nas regiões rurais.

Por fim, se faz imprescindível entender que todas essas narrativas históricas de médicos, de cientistas, de políticos e de literários, tinham objetivos e interesses próprios a serem alcançados e o que se deve refletir, é como foi expressiva a circularidade e a disseminação da teoria eugenista no começo do século XX no Brasil, e que as raízes dessa ideia estão presentes ainda hoje em nosso país.

## Referências

AGUIAR, Virgílio de. Esculapeanas. *Revista Ceará Médico*. Abril. ano. X, num. 4, Fortaleza, 1931.

AGUIAR, Virgílio de. Esculapeanas. *Revista Ceará Médico*. Out/Nov. ano. XIV, num. 10 e 11, Fortaleza, 1935.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, R. *A sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho D'água, 2003.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989)*. Editora UNESP Fundação para o desenvolvimento da UNESP São Paulo. 2ª Edição. 1992. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/>. Acesso em: 15 de jul. 2021.

CAMPOS, Carlos Eduardo Aguilera. As origens da rede de serviços de atenção básica no Brasil: o Sistema Distrital de Administração Sanitária. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, Set. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010459702007000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702007000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 3 de jan. 2013.

CHARTIER, Roger. Prefácio. In: ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realza e da aristocracia de corte*. Tradução, Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Tradução de Maria de Lourdes Meireles Matencio. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

DEL CONT, Valdecir. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. *Sci. stud.* v. 6, n. 2 São Paulo Apr/June 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ss/a/nCZxGgFHn8MVtq8C9kVCPwb/?lang=pt>. Acesso em: 15 de jul. 2021.

FIGUEIREDO, Julieta Brites. Em nome da ciência: a Revista do Brasil e as representações Eugênicas/Higiênicas, no período Lobatiano (1918-1925). *Tese de Doutorado* (Enfermagem e Biociências) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

FONSECA, Cristina M. Oliveira. *Saúde no Governo Vargas (1930-1945): dualidade institucional de um bem público*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.

FREITAS, Bianca Nascimento de. Os manos Jeca e Mané: o sertão e o sertanejo na escrita combativa de Ildefonso Albano no início do século XX. *Anais do Encontro Nacional de História Política*. Universidade Estadual do Ceará. 2015. ISSN 2525- 5193. Disponível em: <http://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos.html>. Acesso em: 20 de jun. 2018.

GADELHA, Georgina da Silva. Sob o signo da distinção: formação e atuação da elite médica cearense (1913-1948). *Tese de Doutorado* (História das Ciências e da Saúde). Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, 2012.

GARCIA, Ana Karine Martins. A ciência na saúde e na doença: atuação e prática dos médicos em Fortaleza (1900-1935). São Paulo – SP: *Tese de doutoramento*. PUC-SP, 2011.

LOBATO, José Bento Monteiro. A Barca de Gleyre: quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. In: *Obras completas de Monteiro Lobato 1º tomo e 2º tomo*. São Paulo: Ed. Nacional, 1955 e 1957.

LOBO, Octávio. Ensaio sobre a Fadiga. *Revista Ceará Médico*. Fev. ano. X, num. 2, Fortaleza, 1931.

LOWY, Ilana. *Virus, mosquitos e modernidade: febre amarela no Brasil entre ciência e política*. Rio de Janeiro-RJ; Editora Fiocruz, 2006.

MAI, Lilian Denise; BOARINI, Maria Lucia. Estudo sobre forças educativas eugênicas no Brasil, nas primeiras décadas do Séc. XX. *Revista Ciência, Cuidado e Saúde*. Maringá. Vol. 1, n. 1, p: 129-132, sem. 1. 2002.

MJOEN, JOHN A. Um moderno programa de política eugênica. *Boletim de Eugenia*. Out. ano II, nº 22. 1930.

PELLON, Luiz Henrique Chad. As representações eugênicas da assistência na Revista

Ceará Médico (1930-1935). *Tese de Doutorado* (Enfermagem e Biociências) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

PENNA, Belisário. *O momento*. Set., n. 93, 1923.

PICANÇO, Jurandir. Dinamismo medico. *Revista Ceará Médico*. Mar. n. 3. Ano. XI. Fortaleza, 1932.

\_\_\_\_\_. O homem brasileiro. *Revista Ceará Médico*. Jan. n. 1. Ano. XI. Fortaleza, 1932.

RAMOS, Juan Pérez. Vida e obra de Renato Ferraz Kehl. Bol. - *Acad. Paul. Psicol.* v. 39 n. 97. São Paulo jul./dez. 2019. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2019000200020](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000200020). Acesso em: 15 de jul. 2021.

SA, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SALES, Aderbal de Paula e. O Sertanejo e a fadiga. *Revista Ceará Médico*. Fev. ano. X, n. 2, Fortaleza, 1931.

SANTOS, Ricardo Augusto. O sanitarista Belisário Penna (1868-1939), um dos protagonistas da história da saúde pública no Brasil. 2018. Disponível em: [Brasiliana Fotográfica \(bn.gov.br\)](http://brasiliana.fotografica.gov.br). Acesso em: 15 de jul. 2021.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. As leis da eugenia na antropologia de Edgard Roquette – Pinto. In: LIMA, Nísia Trindade; SÀ, Dominichi Miranda (Orgs). *Antropologia brasileira: ciência e educação na obra de Edgard Roquette-Pinto*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

UCHOA, Samuel. Alguns aspectos sobre o problema sanitário das zonas rurais do Brasil e especialmente do Amazonas. *Revista Ceará Médico*. Ano. IX, n. 6, Fortaleza. Junho, 1930.

\_\_\_\_\_. Costumes Amazônicos. *Revista Ceará Médico*. Ano. IX, num. 10, Fortaleza. Outubro, 1930.

Submetido em 24.05.2021 – Aceito 29.10.2021